

# Economia - Brasil

## Crédito caro e menos empregos

PIB menor afetaria vida real

Flávia Barbosa

• A alta da taxa de juros pôs a economia brasileira sob perspectiva negativa. Entidades e bancos começam a rever suas projeções e, mesmo para quem acha a discussão prematura, a possível desaceleração do PIB afetaria o cidadão comum de duas maneiras: a recuperação do mercado de trabalho e da renda seria adiada e o crédito ficaria mais caro.

Se os juros ficarem neste patamar por muito tempo, para conter a alta do dólar e da inflação, o custo de financiamento das empresas sobe e diminui a disposição de investir como antes. Com isso, o país cresce menos e fica abalada a decisão de contratar, calcada na confiança de que o cenário de bonança vá durar.

O aumento da oferta de emprego (verificado em 2000, quando a taxa de desemprego caiu de 7,6% para 7,1%) deveria ser mais forte este ano, mas o movimento pode desacelerar. Num cálculo generalista, a cada ponto percentual negativo do PIB deixam de ser criadas 300 mil vagas.

Neste cenário, o rendimento médio do trabalhador, com 7,6% de perdas em três anos, inverteria a tendência de ganhos em 2001. O economista Márcio Pochmann, da Unicamp, lembra ainda que a característica de 2000 foi a recuperação do emprego formal. A informalidade poderia ficar em alta novamente.

Roberto Padovani, da consultoria Tendências, diz que um reflexo da alta da Selic é o crédito ficar mais caro: bancos e financeiras tendem a repassar mais rapidamente uma elevação do que uma redução das taxas. A diferença entre os juros pagos e cobrados pelas instituições já subiu em fevereiro, o que pode ocorrer novamente este mês. Mas ele lembra que há muita gordura a ser queimada e os agentes podem ser cautelosos diante da alta de 3% no volume de crédito concedido em janeiro.

Paulo Levy, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, afirma, porém, que estes efeitos dependerão da permanência da Selic em 15,75%, pois a atividade econômica começou o ano tão aquecida que se refletirá na taxa de crescimento anual.

— A economia não desacelera facilmente. Mesmo que haja impacto, o Brasil ainda pode crescer 4% — diz.